

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012

GT1: Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação

Título: O OBJETO DE ESTUDO DA

BIBLIOTECOLOGIA/DOCUMENTAÇÃO/CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:

CONSTRUÍDO, COMPLEXO, POLIVALENTE E TRANSDISCIPLINAR

Comunicação Oral

Miguel Ángel Rendón Rojas – UNAM

marr@unam.mx

“Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quero explicar a quem me pergunta, não sei

San Agustín de Hipona. *Confesiones*. XI, 14, 17.

Resumo: Analisamos o problema da diversidade de enfoques no estudo da informação documentária, suas causas e possíveis soluções. Concluímos que é possível, dentro de uma epistemologia frágil, chegar a um acordo geral sobre a natureza, objeto de estudo e aparato conceitual da disciplina. A raiz ontológica que justifica esse consenso é a existência objetiva do campo da informação documentária. Reconhecemos que uma aproximação hermenêutica e dialética a essa realidade permite sua maior compreensão. Também identificamos causas das divergências nas interpretações, as quais são que o campo fenomênico da Ciência da Informação é construído, complexo, polivalente e produto da transdisciplinaridade.

Abstract: This article analyses the question of the diversity of approaches on documentary information studies, its causes and possible solutions. We have got to the conclusion that it is possible, within a weak epistemology, to reach a general agreement on nature, study object and conceptual ground of the subject. The ontological root which justifies this consensus is the objective existence of the field of documentary information. We acknowledge that a dialectic and hermeneutical approach to this reality makes it possible to improve its comprehension. We have identified that the causes of the divergences on interpretations are due to perception that the phenomenal field of Information Science is made up, complex, polyvalent and product of transdisciplinarity.

Introdução

É indubitável que exista uma área especializada do conhecimento que estuda uma parte da realidade, e trata de informação, documentos, organização e serviços de informação, assim como tudo o que a envolve: aquisição, conservação, descrição, análise, disseminação da informação; usuários, profissionais, unidades da informação, etc. Essa área possui reconhecimento governamental, já que o governo de cada país, através dos organismos que dirigem a política científica nacional dentro dos seus Ministérios ou Secretarias de Estado de Ciência e Tecnologia (CNPq-Brasil, Conacyt-México, Colciencias-Colômbia, etc.) a reconhece como ciência junto a outras, e oferece financiamentos, bolsas, reconhecimento e prêmios a seus pesquisadores. Portanto, existem institutos, escolas, faculdades, programas de graduação e pós-graduação em que são realizadas pesquisa e ensino nessa área do conhecimento, assim como existem pesquisadores e profissionais ocupados com estas tarefas. Também se conta com publicação relevante nessa temática, revistas especializadas, eventos acadêmicos, e associações profissionais reconhecidas juridicamente. Isso é um fato e não é possível negá-lo.

O problema começa, como dizia San Agustín com respeito ao tempo, na epígrafe que cito, quando nos perguntamos sobre a natureza dessa ciência. Se não se reflete sobre o que é, intuitivamente se sabe e se aceita como um fato, no plano do dado; mas se se começa a querer apreendê-lo lógica e conceitualmente, fundamentá-lo epistemologicamente, compreendê-lo ao tratar de conceder um sentido a esse dado, então essa lucidez intuitiva abre espaço para uma imprecisão e ambiguidade que exige ser esclarecida.

Pode-se perguntar sobre a conveniência desse questionamento, já que ele nos afasta de uma zona de conforto e nos conduz a uma gama de incertezas, de debates, de buscas, de falta de consensos. Não obstante, consideramos que essa reflexão é necessária precisamente porque o ser humano se caracteriza por não se manter no imediato, no dado, nos fatos, mas sim porque dota de sentido esse dado. Essa zona de conforto existe quando não surge a necessidade de perguntarmos pela identidade da ciência que estuda o fenômeno informativo-documentário e assim se desenvolve, seguindo a terminologia kuhniana, em uma “etapa normal”, mas vivenciando momentos de “crise de identidade”, quando não se sabe bem se somos Biblioteconomia, Bibliotecologia, Documentação, Ciência da Informação, Ciências da Informação, Gestão da Informação e do Conhecimento, se incluímos ou excluímos a Arquivística, a Museologia, ou se cada uma dessas disciplinas é distinta e possui uma identidade própria; se não temos claro quais são as áreas e linhas de investigação própria, se desejamos fortalecer e esclarecer o aparato teórico-conceitual; então se faz indispensável essa

indagação filosófica epistemológica que lança uma luz nessa penumbra do dado, ainda que com isso dê origem a outras dúvidas e questionamentos. Finalmente essa é a sina e a riqueza da inquisição filosófica.

O marco geral em que se desenvolve essa ciência que se reconhecia a si mesma como Biblioteconomia e posteriormente Bibliotecologia, e proporcionava certa zona de conforto, era o mundo dos impressos, dos livros, das bibliotecas, dos bibliotecários, do serviço público. Mas vários fatores alteraram essa plácida tranquilidade: a irrupção da tecnologia nos processos de produção, armazenamento, organização, difusão, recuperação, acesso e uso da informação; a informatização da sociedade no que se vem denominando sociedade da informação e do conhecimento, o que levou à transformação da informação em um bem econômico, suscetível de ser vendida e comprada; o rápido crescimento da informação e dos documentos; os processos intrínsecos ao desenvolvimento das ciências como o são a integração e a especialização das mesmas; o aumento do papel da multidisciplinaridade, da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade na investigação científica. Tudo isso levou a questionar a natureza dessa ciência informativa documentária e à necessidade de identificar os novos elementos essenciais dos quais alguns, seguindo Kuhn, chamam paradigma científico.

Mas a proposta de T. Kuhn sobre paradigma científico e comunidade científica parece não ser de muita ajuda em nossa reflexão porque ele estabelecia uma clara relação e interdependência entre esses dois conceitos. O paradigma existe somente se for reconhecido pela comunidade científica, e a comunidade científica existe quando tem um paradigma. Se coexistirem duas ou mais visões do que deve ser a ciência, seu objeto de estudo, principais conceitos e términos, então não há uma comunidade científica e a ciência não pode se desenvolver normalmente. (Kuhn, 1996) Mas na área da informação documentária, assim como nas ciências sociais e humanas em geral, existe uma comunidade científica que se reconhece a si mesma como uma unidade coesa pelo campo de estudo que investiga, ainda que ao mesmo tempo exista uma diversidade nas concepções dos termos, objeto de estudo, aparato conceitual, áreas e linhas de sua competência. Um simples olhar aos nomes com que se designa esta ciência nos permite constatar a divergência existente: Bibliotecologia no México, Ciências da Documentação na Espanha e Ciência da Informação no Brasil.

O objeto de estudo da Ciência da Informação/Bibliotecologia/Documentação

Assim, tomando em consideração essas divergências, alguns pesquisadores da área da Ibero-américa lançaram a iniciativa de realizar um projeto de pesquisa chamado *Un análisis teórico-epistemológico de la Bibliotecología y estudios de la información. Unidad en la diversidad: Bibliotecología, Documentación y Ciencia de la Información.*

Um dos objetivos da pesquisa é refletir sobre o objeto de estudo da Ciência da Informação/Documentação/Bibliotecologia, termos que são tomados como sinônimos no nosso estudo.

No transcurso da nossa análise encontramos diferentes propostas de objeto de estudo da Ciência da Informação: o processo comunicativo-informativo que gera informação documentária (López Yepes, 2011); os processos de mediação do conhecimento (Delgado e Pirela, 2011); a intervenção (específica) que é realizada sobre a informação (Ortega, 2011); a organização documentária (Quintero Castro, 2011); o sistema informativo-documentário (Rendón Rojas, 2005, Mancipe Flechas, 2011); o fenômeno informativo-documentário, a informação registrada, organizada e disponível para seu acesso; o ciclo social da informação e o documento; o processo da informação documentária; a atividade bibliológico-informativa; a biblioteca; o documento; a classificação, entre outros. (Quintero, Castro 2003; Martínez Ríder e Rendón Rojas, 2004)

Complexidade e polivalência do objeto de estudo da Ciência da Informação

Como já foi mencionado, a finalidade da nossa análise é encontrar por um lado, as causas da diversidade de visões que existem na área; e por outro, princípios mínimos e gerais que permitam chegar a um consenso dentro dessa diversidade.

Assim, sobre a primeira questão, destacamos quatro causas da multiplicidade de posições sobre o objeto de estudo da disciplina.

A primeira tem a ver com o fato de que o mundo informativo-documentário não é um fenômeno natural existente independentemente do ser humano. Ao contrário, é um mundo construído em sua totalidade pela atividade do ser humano em geral, quanto ao que definimos a pessoa como "*ser informacional*". O anterior significa que para existir, isto é, desenvolver seu ser, os indivíduos necessitam criar, consumir, transformar, transmitir, conservar informação. Essa necessidade existencial e por consequência ontológica, determina a aparição do mundo informativo-documentário, junto com seus objetos ("informação", "documento", "fonte", "fundo", "coleção", "linguagem documentária", "unidade de informação", "tecnologia da informação", entre outros); sujeitos ("usuário", "profissional da informação", "autor", "editor", "comunidade", entre outros); e processos ("geração da informação", "coleta da informação", "processamento da informação", "armazenamento da informação", "busca e recuperação da informação", "disseminação da informação", "uso da informação"; "leitura", "educação ou formação de usuários", "alfabetização informativa", "políticas de informação", "avaliação e desenvolvimento de coleções", "valoração de documentos", entre outros).

Mas, ao mesmo tempo a existência desse mundo informativo-documentário depende

não só da *informatividade* do ser da pessoa humana, mas da atividade concreta do profissional da informação documentária, o qual com sua ação transforma o caos informacional no cosmos documental dotando-o de ordem, pelo que denominamos esse profissional como *Demiurgo* do cosmos documental. (Rendón Rojas e Delgado Herrera, 2010: 49)

Como consequência dessa existência do fenômeno informativo-documentário ligada ao ser humano, desprende-se a natureza de ciência social e humana da Ciência da Informação que, como todas as ciências desse tipo, apresenta infinidade de interpretações e escolas.

Outra causa da diversidade de enfoques e propostas sobre o objeto de estudo da Ciência da Informação é a transdisciplina, já que como resultado da evolução de várias ciências, estas confluem para dar origem a uma nova realidade; principalmente de disciplinas que tem como seu campo fenomênico o mundo informativo-documentário: Biblioteconomia, Bibliotecologia, Documentação, Ciência da Informação, Gestão da Informação e do Conhecimento, Arquivística e Museologia.

Consideramos que a origem e desenvolvimento de cada uma dessas disciplinas é independente, mas no momento atual convergem. Assim, a discussão sobre a "pureza" e autonomia dessas disciplinas informativo-documentárias tem sua razão de ser, mas simultaneamente, é o resultado de absolutizar sua visão sem considerar o desenvolvimento das demais. Por exemplo, a Bibliotecologia nasceu e se desenvolveu no âmbito das bibliotecas, coleções bibliotecárias, formadas principalmente de livros impressos e serviço bibliotecário. No momento em que aparece a Documentação como ciência distinta, esta atende necessidades e realiza atividades diferentes das que fazia a Bibliotecologia nesse momento, mas com o ulterior desenvolvimento desta última ciência, por fim chega a realizar e estudar fenômenos semelhantes aos da Documentação. O mesmo se pode dizer da Ciência da Informação e ultimamente da Gestão da Informação e do Conhecimento.

Um caso que merece especial atenção é o da Arquivística e Museologia. Essas disciplinas gozaram de autonomia por muito tempo, e atualmente também se discute sua harmonização dentro das Ciências da Informação. Desde nosso ponto de vista é possível vê-las como disciplinas informativo-documentárias por terem a informação documentária como centro de sua atenção. (Processo comunicativo-informativo, processo mediador do conhecimento, organização documentária, a intervenção específica sobre a informação, o sistema informativo-documentário, a atividade bibliológica informativa, fluxo da informação documentária).

Também um fato inegável é a complexidade e a polivalência do objeto de estudo da

Ciência da Informação. Esse fenômeno é multifacético, pode aparecer sob diferentes óticas e apresentar-se com diferentes caras. O anterior implica a possibilidade de estudá-lo a partir de diferentes enfoques. Assim, pode-se analisá-lo a partir de variadas perspectivas: estruturalista, ou funcionalista, ou pragmática, ou social, ou dinâmica, ou estática, ou sistêmica, centrado nos sujeitos, nos objetos, nos processos, etc. Mas, ainda que o ponto de partida seja distinto, o desenvolvimento consequente e coerente do estudo conduzirá a posições de outras visões, como consequências, complementações ou pressuposições, que a princípio não eram contempladas. Assim, por exemplo, se a análise começa por uma visão pragmatista, cedo ou tarde terá que aceitar que essas tarefas que se desenvolvem ocorrem em estruturas (estruturalismo), com funções teleológicas (funcionalismo), em um ambiente social, etc.

É por isso que comparamos essa situação de se ter diferentes visões do objeto de estudo da Ciência da Informação com a maneira como a psicologia da *Gestalt* explica a formação e interpretação de percepções. Segundo a *Gestalt* as sensações se organizam e se estruturam de certa maneira, mas existe a possibilidade de percebê-las de maneira diferente, se são organizadas de outra forma.

Ainda que a percepção final dependa da *Gestalt* que se integre, não se pode negar que inicialmente existe uma série de sensações reais que não são inventadas, ilusões, alucinações, sonhos ou desvarios; e com base nelas se constrói uma interpretação. Ainda que simultaneamente sempre exista a possibilidade de "ver" outra imagem, se a mesma é colocada em outro marco de referência, vê-se de outra forma, tem-se outra *Gestalt*.

Pelo anterior, sugerimos que existem diferentes interpretações do objeto de estudo da Ciência da Informação devido a estruturações de uma mesma realidade com diferente marco interpretativo. Desta maneira, à semelhança da psicologia da *Gestalt*, a interpretação varia de acordo com o enfoque, as tradições, o marco de que se parta. Essa *Gestalt* são as tradições, os pré-conhecimentos, o horizonte hermenêutico de que fala a hermenêutica filosófica de Gadamer.

Como corolário do anterior, podemos fazer a proposta de mudar o famoso conceito de paradigma científico kuhniano para o de *Gestalt* da teoria científica.

Para uma epistemologia frágil da Ciência da Informação

Outro dos objetivos da investigação que desenvolvemos é não apenas explicar as causas das diferenças, mas buscar princípios mínimos que compartilhem essas distintas interpretações. Estamos convencidos de que apesar da diversidade de escolas, enfoques e tradições no campo dos estudos da informação documentária, é possível chegar a um acordo geral sobre a natureza, objeto de estudo e principais conceitos da disciplina.

Essa certeza tem um fundamento ontológico: a existência de uma realidade distinta ontológica, lógica, gnoseológica e epistemologicamente ao sujeito; assim como outro tipo de fundamentos ontológicos e gnosiológicos: a natureza hermenêutica e dialética dessa realidade e por consequência a necessidade de aproximar-se dela também de uma maneira hermenêutica e dialética para conhecê-la.

Desta maneira, a raiz ontológica que justifica a possibilidade do consenso na comunidade científica em estudos da informação é a existência de um campo fenomênico bem determinado que é o campo da informação documentária no qual habitam, como já foi mencionado, objetos (informação, documentos, unidades, fontes, coleções, fundos de informação), sujeitos (usuários, profissionais da informação documentária) e processos (geração, coleta, processamento, armazenamento, busca e recuperação, disseminação, e uso da informação). Esse campo é essa imagem que pode ser olhada com diferentes *Gestalt* e portanto vista como diferentes propostas, mas o campo existe.

Cada uma dessas escolas e enfoques dentro da Ciência da Informação-Documentação-Bibliotecologia responde a uma *Gestalt* determinada, é induzida por uma realidade objetiva. Se essa realidade é respeitada, então essa visão não é inventada, ainda que tampouco pode pretender ser a única e verdadeira. Simultaneamente, ainda que se tenha uma percepção da disciplina quanto a seu objeto de estudo e estrutura teórica, produto da *Gestalt* que se tem, sempre existe a possibilidade de mudar de *Gestalt* ao descobrir que essa percepção pode ser organizada de outra maneira.

Uma análise profunda e coerente das diferentes interpretações conduz a convergências nos pressupostos, ao descobrimento de complementações ou consequências que se seguem dessas interpretações já que, compreendido o objeto de estudo como um todo, um ponto particular tem relações com o todo.

O objeto de estudo da Bibliotecologia-Documentação-Ciência da Informação é complexo e pode ser denominado genericamente – a maneira de tentativa – fenômeno informativo-documentário, em sua interpretação estática, ou ciclo da informação documentária, em sua versão dinâmica. Esse objeto de estudo pode ser visto a partir do prisma da comunicação e intermediação (López Yepes, Delgado e Pirela); da organização (Quintero Castro, Ortega); ou do sistêmico (Rendón Rojas, Mancipe Flechas).

Assim, além de a realidade informativa documentária ser construída *a posteriori* pelo sujeito, também é nova e complexa. A partir da hermenêutica, os sujeitos constroem seus sentidos, o que complica ainda mais o panorama. Ao encontrarmos-nos com uma diversidade de interpretações dos fenômenos informativo-documentários devemos recordar que cada

pesquisador se encontra dentro de, em terminologia de Gadamer (1997), um horizonte hermenêutico de onde vê e interpreta a realidade graças aos pré-conhecimentos e tradições que seu contexto lhe oferece. Esse contexto é particular em sua cultura e tradições de investigação, conhecimentos prévios, crenças, valores, etc. Graças a esses pré-conhecimentos e tradições é possível chegar à pré-compreensão e desta à compreensão. Posteriormente através do diálogo e da reinterpretação, pretende-se ampliar o horizonte hermenêutico de cada participante para colocá-los em contato, e desta maneira chegar a uma pós-compreensão.

Essa construção hermenêutica de sentidos deve ser complementada com uma visão dialética da realidade e do modo de conhecer essa realidade. Entendemos a dialética como a forma de ver e compreender a realidade (que a sua vez é dialética) constituída por contrários, mas sem absolutizar nenhum deles. Cada um dos opostos tem sua própria presença e existência; ainda que ao mesmo tempo exijam a existência de seu oposto para existir.

Conceber a realidade como uma tensão de contrários, sem eliminar nenhum deles, nos permite ter uma compreensão mais completa da realidade sem cair no absolutismo dogmático, ou no relativismo cético. Desta maneira trata-se de uma dialética mais pré-moderna de estilo pré-socrático na qual se busca a convivência dos opostos que vivem precisamente de sua tensão e na tensão; e não do tipo hegeliano-marxista que busca sua mútua destruição e a superação dos opostos em uma síntese superior. (Beuchot, 2009).

A maneira de conclusão

Assim, depois do analisado anteriormente, podemos dizer que, apesar da diversidade de escolas e enfoques no campo dos estudos da informação documentária, é possível chegar a um acordo geral sobre a natureza, objeto de estudo e principais conceitos da disciplina. A raiz ontológica que justifica a possibilidade do consenso na comunidade científica em estudos da informação é a existência real e objetiva de um campo fenomênico que é o campo da informação documentária. Também, uma aproximação hermenêutica e dialética a essa realidade permite sua maior compreensão.

As causas das divergências nas interpretações são que o campo fenomênico da Ciência da Informação é construído, complexo, polivalente e produto da transdisciplinaridade. Essas causas, acrescidas à raiz ontológica hermenêutica e dialética, determinam a aparição de diferentes interpretações, à semelhança das percepções que podem ser distintas dependendo da Gestalt que se constrói.

BIBLIOGRAFIA

- BEUCHOT, Mauricio. (2009) Respuesta a “Los límites de la hermenéutica analógica”. *Multidisciplina: Revista electrónica de la Facultad de Estudios Superiores Acatlán*, Naucalpan (Estado de México), n. 3, p. 107-109. Disponible en: <http://www.acatlan.unam.mx/multidisciplina/21/>. Acceso en: jun. 2012.
- CAPURRO, Rafael. (2007) Epistemología y Ciencia de la Información. *Enl@ace: Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento*, v. 4, n. 1, p. 11-29.
- DELGADO, Francys ; PIRELA Johann (2011). *Los procesos de mediación del conocimiento como elementos integradores-unificadores del discurso epistemológico de las ciencias de la información*. Universidad de Zulia. Venezuela, 2011. Documento inédito. Seminario especializado sobre epistemología de la bibliotecología y estudios de la información realizado el 24 y 25 de octubre, CUIB-UNAM, México.
- GUTIÉRREZ CHIÑAS, Agustín (2009). *Incompatibilidad curricular da Licenciatura en Bibliotecología e Información en México*. San Luis Potosí: Universidad Autónoma.
- LÓPEZ YEPES, José (2011) *Una teoría comunicativa de la biblioteconomía/documentación/ciencia de la información*. Universidad Complutense de Madrid. Documento inédito. Seminario especializado sobre epistemología de la bibliotecología y estudios de la información realizado el 24 y 25 de octubre, CUIB-UNAM, México.
- MANCIPE FLECHAS, Eduardo. (2011) *Los sistemas de información documental [sid] como núcleo común de las disciplinas aplicadas en el campo de la ciencia de la información*. Universidad da Salle. Bogotá. Documento inédito. Seminario especializado sobre epistemología de la bibliotecología y estudios de la información realizado el 24 y 25 de octubre, CUIB-UNAM, México.
- MARTÍNEZ RIDER, Rosa María ; RENDÓN ROJAS, Miguel Angel. (2004) Algunas propuestas latinoamericanas de objetos de estudio para la investigación bibliotecológica. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín (Colombia), v. 17, n. 1, p. 13-44.
- MORALES LÓPEZ, Valentino. (2008). *La bibliotecología y estudios de la información: análisis histórico-conceptual*. México: El Colegio de México.
- ORTEGA, Cristina Dotta. (2011) *Objeto y concepto de la disciplina*. Belo Horizonte, Brasil. Documento inédito. Seminario especializado sobre epistemología de la bibliotecología y estudios de la información realizado el 24 y 25 de octubre, CUIB-UNAM, México.
- QUINTERO CASTRO, Nathalia et al. (2003) Objeto de estudio para una bibliotecología orientada al contexto sociocultural colombiano: Propuesta abierta al debate. *Revista*

Ineramericana de Bibliotecología, Medellín (Colombia), v. 26, n. 2. Separata.

QUINTERO CASTRO, Nathalia. (2011) *Bibliotecología, documentación y ciencia de la información*: hacia la identificación de un núcleo común y varios objetos de investigación. Universidad de Antioquia, Escuela Interamericana de Bibliotecología. Documento inédito. Seminario especializado sobre epistemología de la bibliotecología y estudios da información realizado el 24 y 25 de octubre, CUIB-UNAM, México

RENDÓN-ROJAS, Miguel Ángel. (2005) *Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecología*. México: CUIB-UNAM.

RENDÓN-ROJAS, Miguel Angel. (2012) Epistemologia da Ciência da Informação: objeto de estudo e principais categorias. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 3, n. 1.

ZINS, Chaim. (2007) Classification schemes of Information Science: twenty-eight scholars map the field. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, New York, N.Y., v. 58, n. 5, p. 645–672.